



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Zanella, Andréa; Terres, Clarissa; Ros, Sílvia
Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 15, núm. 1, 2002
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18815122>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Contextos Grupais e Sujeitos em Relação: Contribuições às Reflexões sobre Grupos Sociais

Andréa Vieira Zanella^{1, 2}

Clarissa Terres Lessa

Sílvia Zanatta Da Ros

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

A partir dos aportes teóricos da psicologia histórico-cultural considera-se que o sujeito se constitui em seus vários aspectos via processo de apropriação, sempre singular, tanto do saber quanto do saber-fazer. Essa apropriação, por sua vez, não se dá em abstrato, mas através de relações em grupos sociais e em contextos. Destaque os lugares sociais imputados aos/assumidos pelos sujeitos.

Cientes tanto da complexidade das teorias de grupos e suas relevantes contribuições para a psicologia, quanto de nossa limitada relação com a temática, é objetivo deste trabalho analisar, a partir de três investigações com diferentes grupos de adultos escolarizados reunidos em razão de atividades de ensinar e aprender, a dinâmica das relações entre sujeitos e grupos, com destaque para os diálogos estabelecidos entre eles nesses contextos, mutuamente se constituíam.

Palavras-chave: Grupos; constituição do sujeito; lugar social; psicologia histórico-cultural; relações sociais.

Groupal Context and People in Relation: Contributions to Reflections on Social Groups

Abstract

Based on the historical-cultural psychology, it is considered that the person fully develops him/herself through a process of appropriation, always singular, of knowledge as well as of know-how of doing. This appropriation is not abstract, but it happens through relations in diverse social groups, in which social places stated / assumed by people.

Aware of the complexity of the group theories and its relevant contributions to psychology, as well as of our relation with the theme, the object of this work is to analyse, from three investigations done with educated adults on account of systematized teaching and learning activities, the dynamic of the relations between people and groups, highlighting the dialogues established among them that were mutually constitutive in these contexts.

Keywords: Groups; person constitution; social place; historical-cultural psychology; social relations.

“...a concepção complexa do sujeito nos permite enlazar o ‘eu’ com o ‘nós’, ao ‘se’ e a ‘isto’. Mas, aqui, apresenta-se o problema de nunca sei, exatamente, em que momento sou eu quem

sociais são naturalizados e, enquanto tais, apresentam-se além e aquém de sujeitos reais e concretos e de suas histórias.

Inaugurada na própria emergência do que se costuma intitular “idade moderna”, essa racionalidade sustenta-se em “...uma afirmação da idéia de que as pessoas são indivíduos livres e, enquanto tais, indivisíveis, separados, independentes uns dos outros e donos de seus destinos” (Santi, 1998, p. 3). A partir do pressuposto da cisão entre sujeito e realidade, afirma-se o que Figueiredo (1991) denomina como “a experiência subjetiva privatizada”, considerada pelo autor uma das condições para o advento da psicologia como ciência e profissão. A esta acrescenta-se uma segunda condição, a crise dessa experiência, resultante da constatação de que os homens não são assim tão livres e independentes.

Considerando que tanto a emergência da experiência subjetiva privatizada quanto a crise dessa experiência decorrem de condições sociais, econômicas e políticas que organizam as relações entre os homens, sendo estes entendidos enquanto sujeitos genéricos³, é possível afirmar que, no século XX, assistimos ao acirramento dessa crise. As importantes mudanças ocorridas nas ciências, tecnologia, artes, comunicação entre outros, que caracterizam esse século como “era dos extremos” (Hobsbawn, 1995), resultantes da/promotoras da “...perda da fé na inelutabilidade do progresso e pelo crescente incômodo com a fixidez categórica do pensamento iluminista” (Harvey, 1993, p. 37), fundamentam inúmeras demandas ao fazer, ao pensar e ao sentir do sujeito contemporâneo.

A informática, ícone dessas transformações, computadoriza a informação trazendo novas imagens, dígitos e signos. A tecnologia eletrônica materializa uma das mais significativas expressões desses “novos tempos”: a descorporificação das coisas. Ou seja, o que pela as relações em diferentes planos da vida humana passa a não ser mais o objeto concreto, mas aquilo que o representa e aquilo que ele representa. As relações se

respostas cada vez mais rápidas às demandas, pela “percepção episódica da realidade”, a experiência sensorial da qual resultam respostas lineares aos estímulos (Feuerstein, 1985). Tanto quanto a percepção episódica da realidade, sua vez, padrões de comportamento que afastam o homem tanto de sua história pessoal de seus grupos de referência quanto da história da civilização humana.

Pelo exposto até então destaca-se o caráter das profundas transformações que vêm ocorrendo com velocidade espantosamente rápida, o que caracteriza a sociedade extremamente instável e em constante mudança. A psicologia constitui-se como indispensável na medição das grandes transformações econômicas e sociais que têm gerado significativas mudanças nas relações sociais e, em consequência, nos próprios sujeitos. Por isso, porque, fundamentando-nos nos pressupostos da psicologia histórico-cultural, é possível analisar estas mudanças, características da contemporaneidade, foram e são produzidas/reproduzidas por homens concretos que, em meio a essas mudanças, recriam a realidade ou mesmo relacionam-se a partir de como a significam. Nesse processo, constantemente re-criam a si mesmos, produzindo o que não acontecem a despeito dos sujeitos e das condições produtores quanto o produto desta realidade é desordenada e imediatista.

Introduz-se assim a questão da constância da temática que demarca de certo modo a psicologia da ciência psicológica e a justifica. As inovações da mesma datam dos primórdios da psicologia, sendo reconhecida por denominar a personalidade, subjetividade, identidade e suas explicações igualmente diversas, por vezes conflitantes. De modo geral, podem ser agrupadas em duas partes: por um partem do pressuposto da potência do sujeito sobre a realidade ou, em sentido inverso, de sua impotência

linguagem, cultura, etc. Isso significa que os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos” (Morin, 1996, p. 48).

Desse modo, o sujeito de que se fala somente pode ser entendido enquanto tal na medida em que é histórico e socialmente constituído, pois desde que nasce se apropria das características humanas objetivadas nos diversos elementos da cultura. Por sua vez, esse mesmo sujeito, através de sua atividade, objetiva-se e imprime sua marca no contexto social em que se insere, objetivação esta mediada pelo que foi socialmente apropriado⁴.

Ao discutir a constituição do psiquismo humano, Vygotski (1991a, 1991b, 1991c) destaca que, a partir da apropriação da significação⁵ de determinadas pautas interativas, o homem torna-se capaz de auto-regular a própria conduta, constituindo-se como sujeito de sua própria ação e vontade. O autor não enfoca de forma direta a questão da “submissão à vontade dos outros”, implícita na própria etimologia da palavra “sujeito”, porém é evidente que, na medida em que concebe os homens como constituídos social e historicamente, mantém implícita esta perspectiva.

Compreender o sujeito como histórica e socialmente constituído, ou o social enquanto resultante da atividade de homens concretos que, por intermédio dessas atividades se objetivam e subjetivam, requer um esforço teórico-metodológico que permita lidar com supostos antagonismos, sem perder de vista a noção da constituição mútua. Uma das grandes dificuldades diz respeito ao “que do social constitui o sujeito” (Góes, 1993), ou seja, em que medida há um “eu” que, socialmente constituído, caracteriza-se como singular. Se singular, expressa especificidades, porém estas não se descolam dos contextos em que são produzidas, sendo pois expressão das próprias condições sociais, econômicas, políticas e ideológicas. Nesse sentido, Morin (1996, p. 48) afirma que o indivíduo é um objeto incerto: “Do nosso ponto de vista é tudo, sem ele não há nada. Mas, a partir do outro, não é nada, se sozinho”.

interlocação em que a minha fala se destina ao outro e a ele se destina. Nesse sentido, não é necessariamente a presença física que pode fundar-se no diálogo com o outro, real ou imaginário, idéias ou valores, mas a coletividade anônima da qual fazemos parte, outra que elegemos como ponto de referência (Zanella, 2000, p. 78).

É pois no contexto da constituição dos sujeitos que se dá a apropriação da cultura em si mesma. A apropriação, por sua vez, é mediada pelos grupos sociais dos quais os sujeitos participam e dos lugares sociais que ocupam.

O conceito de lugar social refere-se às referências imputadas socialmente aos indivíduos, assumidas, caracterizando-se como simbólicas e não referências diretas. Essas referências contribuem para a constituição dos sujeitos, conforme as contribuições de Bakhtin (1993). A referência apresenta o conceito de lugar social como um símbolo através do qual os indivíduos se enunciam dirigidos a uma audiência. A referência se portanto de um conceito relacional que se estabelece nas relações sociais sob o prisma da referência e conforma, sendo esses mesmos lugares de re-significação pelos sujeitos, os quais são produtores ativos da própria referência.

Considerando pois a perspectiva relacional entre sujeitos e grupos, os sujeitos não produzem no contexto das relações sociais tempo marcados pela história, mas a relação e dos lugares sociais que ocupam em que se envolvem. Ao mesmo tempo, os lugares são constantemente transformados nessa relação como diálogo permanente. Os movimentos nem sempre harmônicos desses movimentos faremos aqui uma investigação desenvolvida com o objetivo de compreender a constituição dos sujeitos e dos lugares sociais.

(Vygotski, 1987, p. 74). Entende-se que essa característica permite a análise conjunta e o estabelecimento de aspectos que nos levam a refletir sobre a complexidade das relações sujeitos e grupos.

Investigação I – O processo de constituição do sujeito foi analisado, nesta investigação, a partir do diálogo travado por um sujeito com o grupo social que faz da renda de bilro atividade de seu reconhecimento e expressão. Às entrevistas e filmagens do processo de ensinar e aprender a fazer renda envolvendo o sujeito aprendiz e a professora, realizadas por Zanella (1997), somaram-se duas (2) novas entrevistas semi-estruturadas e filmagens do sujeito assistindo e comentando as filmagens anteriores.

O sujeito estudado nasceu no seio de um grupo rendeiro – sua mãe, irmãs, tias e vizinhas teciam diariamente a renda de bilro -, porém não se dedicou à atividade durante muito tempo. Foi por uma necessidade profissional que, após 15 anos, reaproximou-se da renda, matriculando-se em uma Oficina de Renda de Bilro. Enquanto funcionária de uma entidade cultural participava, na ocasião, de um projeto que tinha por objetivo resgatar os diferentes modelos de renda de bilro para a constituição de um acervo, iniciativa esta pautada pela preocupação com a paulatina extinção da atividade.

Com a oficina lhe foi possível re-aprender a manejar os instrumentos utilizados na confecção da renda de bilro, o que a possibilitou tanto a confecção de peças segundo os modelos tradicionalmente tecidos pelas rendeiras, quanto a produção de novas peças, sendo o ritmo do seu tecer caracterizado como lento em razão do tempo reduzido que dispunha para se dedicar à atividade. Como resultado, não era considerada pelas rendeiras como pertencente a este grupo social, posto que não compartilhava das características consideradas por estas como elementos de identificação: tecer com agilidade e produzir modelos tradicionais de renda.

O movimento que faz em relação ao processo de

social relativo à deficiência ou à incapacidade pedagógicas basearam-se na metodologia de doutorado de Da Ros (1997). A primeira investigação consistiu na preparação dos deficientes para atuarem como coordenadores artísticas e de lazer, junto a senhoras idosas. A coleta de dados ocorreu via filmagens alternadas bem como pelo registro das reuniões, o que permitiu visualizar o processo dos sujeitos em alguns de seus momentos decorreu o trabalho semanal – como a investigação – com as senhoras de uma periferia da cidade de Florianópolis. Os momentos também foram registrados e

Constatou-se que o trabalho dos sujeitos de deficiência com outro grupo marginalizado – foi extremamente relevante para ambas as idosas, considerando a sua dupla condição avançada e a vida numa instituição de acolhimento que perderam sua inserção no mundo e para os sujeitos com história de deficiência para o desenvolvimento de sua modificação que relativa, em relação ao legado social, alternativas de lidar com este.

O encontro dos dois grupos foi marcado por algumas experiências em artes plásticas e a expressão pela expressão para alcançar um sintônico com processos mais complexos proporcionados pelo imediatismo do trabalho em relações que aproximou os dois grupos em uma linguagem comum: a atividade criada e vivida fundou interações voltadas ao devir, os encontros semanais quanto no decorrer do percurso traçado.

Os primeiros traziam expectativas de uma forma diferente de lançar-se ao novo. Assim disse Dona Rosa (integrante do grupo de idosas): “Eu sempre quis pintar, desde pequena”.

história de deficiência que havia verbalizado nas sessões iniciais algo sobre o seu medo de ficar velha, começou a ver e entender a velhice a partir de uma outra perspectiva: "A velhice não é a morte, mas é preciso preparar-se para ficar velho".

Estes momentos falam do processo de constituição dos sujeitos, sobre aquilo que se universalizou enquanto organização da totalidade do grande grupo (o não à deficiência e à incapacidade) e, principalmente, da dimensão que traz a arte segundo Vygotski (1998), ou seja, de que a mesma, enquanto atividade mediada, implica em algo que transforma, que supera o episódico.

Investigação III – Esta investigação foi realizada com um grupo de servidores públicos federais participantes de um programa de formação de gerentes em serviço (PFGS), elaborado em resposta à demanda de muitos funcionários que identificavam problemas gerenciais na instituição. A coleta de dados foi feita através de gravação em fita cassete de depoimentos dos participantes; fotografias do grupo e de seus membros no decorrer das atividades; imagens em vídeo; produções escritas, decorrentes das atividades propostas; anotações feitas pelo monitor da turma e avaliação escrita feita pelos sujeitos.

A partir dos dados coletados constatou-se que a turma pesquisada constituiu-se enquanto grupo, o que entendemos possível a partir do momento em que engendra ações coletivas. Os indicadores de tal constituição foram os momentos em que os sujeitos: 1) disponibilizaram-se a um relacionamento informal e pessoal; 2) tomaram a iniciativa e mobilizaram-se coletivamente na produção de algo não previsto pelo programa, tais como atividades, discussões, entretenimento, etc; 3) buscaram um objetivo sempre coletivo nas tarefas propostas pela coordenação; 4) apresentaram-se como porta-vozes do grupo; 5) produziram circunstâncias que permitiram a constituição/manutenção do grupo; 6) assumiram lugares sociais diferenciados, ou seja, não cristalizados; e, 7) criaram estratégias para se manterem como grupo, a despeito de

funcionamento, lidando com uma forma diferente da costumeira.

Quanto a Hélio, esse se apreendeu com as características suas a in-
Apesar de fazer um movimento
grupo o aceitou em sua singularidade
ali demonstradas. Paulatinamente
participar mais e, assim, inserir-

O Movimento dos Sujeitos

O contexto atual, com sua
fundamentação teórica, caracte-
cada vez mais descoladas do
produzem. A descorporificação
perspectiva a-histórica que natu-
fragmentação da realidade e su-
(conforme Jameson, 1997), re-
relações se pautam pelo imedia-
conquistas que, tão logo obtida-

Embora predominantes, os
sendo/precisam ser continuam-
a produção de uma nova soci-
sociais éticas e democráticas e
do alarmante quadro de exclu-
encontramos. Para tanto, é ne-
nos diferentes contextos em qu-
de compreender os movimen-
mutuamente produzem. Ess-
quando se toma por base o
aprender em situações sistema-
na intencionalidade dos sujei-

Profundamente complexas
problemáticas ora arroladas
pesquisa cujas respostas dema-
Não nos atrevemos a querer
as investigações realizadas p-
considerações sobre a dinâmico-
por adultos - os sujeitos de pes-

resultado, modificaram-se sujeito e grupo de referência, posto que a atividade que permitiu consolidá-los a partir de uma relação de pertença constituiu-se nesse caso como fundamento do diálogo estabelecido com os muitos outros que caracterizam a cultura da qual fazem parte/participam ativamente (análise pormenorizada desse processo encontra-se em Zanella, Balbinot & Pereira, 1999 & 2000)

Quanto à segunda investigação, é possível considerar que os “muitos outros que caracterizam a cultura” expressaram-se de diversas formas: o encontro promovido entre sujeitos que têm uma história marcada pela discriminação – os chamados “deficientes – com sujeitos também sujeitados a discriminações que secundarizam as suas experiências – as velhas – possibilitou a todos re-significarem suas histórias e imprimirem às relações das quais participam características distintas daquelas até então vivenciadas.

Os sujeitos com histórias de deficiência puderam assumir um novo lugar social enquanto coordenadores de grupo e reconheceram-se não como sujeitos incapazes e passivos frente às exigências da sociedade, rompendo assim com o legado cultural da inoperância e impotência. A conquista realizou-se num determinado lócus, com novas significações e sentidos. Quanto aos velhos, considerados socialmente como um problema em razão da suposta deficiência orgânica, o que é adequadamente discutido por Sais (2000), puderam revelar-se como artistas, como produtores do novo do qual resultaram emoções que marcaram suas vidas (análise desse processo encontra-se em Da Ros, 2000).

Pelo exposto constata-se que nessas investigações foi possível verificar o movimento (in) tenso dos sujeitos em relação a lugares sociais historicamente produzidos que a eles eram designados. Nice, sujeito da investigação 1, dialoga através da atividade de fazer renda com a tradição e as rendeiras que buscam perpetuá-la. Nesse embate, re-significa tanto o ser rendeira quanto os produtos dessa atividade, imprimindo-lhe características

e limites das necessárias ações coletivas para a transformação dessas mesmas condições.

Lugares sociais historicamente produzidos e, portanto, nos contextos grupais focos de ações realizadas, ativamente re-significados pela relação. Consistiram assim em indicadores ali produzidos, tanto nos sujeitos em quanto nas relações que compunham os grupos que participavam.

Outra temática que merece consideração é a dos grupos em si e as diferentes formas que constituíram. Na investigação 1 observamos, em princípio um grupo social já constituído, cuja literatura como espontâneo: sua formação ocorreu num processo histórico onde sujeitos passaram a existir em razão de uma atividade específica – o bilro. O movimento analisado foi, nesse caso, o de um novo integrante no referido grupo.

Importante observar que, embora a inclusão só seja possível a partir das falas que a este grupo efetivamente pertencem, o que foi analisado foi a fala do sujeito investigado em relação à condição em relação ao grupo social “rendeiras da Conceição”. Destaca-se em seu discurso, de pertença, o fato de considerar-se parte da medida em que sua atividade é movida para contribuir para que a renda de bilro seja, enquanto manifestação cultural, ainda mais precisa ser modificada. O pertencer, no entanto, tem contornos diferentes do que pontuamos na fundamentação teórica: de acordo com a literatura consultada, pertencer a um grupo social implica em conduta pelas características e exigências do grupo. Constatamos, no entanto, foi o movimento de re-significação que ativamente re-significou essas condições e exigências, modificando-as e sendo a partir delas modificado.

No caso da investigação 2, deflagrou-se o movimento de re-significação

deficiência mas não como deficientes e incapazes, o exercício metacognitivo constante, enfim, todos esses aspectos conferiram outro panorama às relações. Como resultado, constituiu-se um grupo que foi capaz de assumir uma tarefa comum, a de mediadores de atividades artísticas e de lazer junto à velhice institucionalizada.

Além da coordenação, o grupo de pessoas com história de deficiência fazia todo o planejamento daquilo que seria desenvolvido com as senhoras, discutindo o objetivo das atividades, avaliando o que já havia sido executado tanto em relação à atividade como um todo, quanto do desempenho do coordenador e de seus companheiros que, no caso, atuavam como auxiliares na distribuição do material e ajuda ao coordenador em momentos que as senhores necessitavam de mediação.

As idosas que participaram do trabalho, por sua vez, não compunham um grupo: constituíam-se na verdade como um agrupamento de seis a oito senhoras que realizam atividades a elas propostas. Havia momentos de troca, de comunicação, de conversas sobre aquilo que produziam; a tarefa era comum, mas a execução e seus resultados era individual, sendo, na maioria das vezes, marcado por um *ensimesmamento*. O que compartilhavam era a alegria de pintar, fazer dobraduras, entre outras atividades.

Foi um processo árduo e que não garantiu aos componentes do grupo sucesso em toda sua empreitada, mas ficou claro o deflagrar do processo de auto-regulação (Vygotski, 1991c) que permitiu reconstruir, numa outra direção, o legado social da incompetência, re-significando-se como sujeitos capazes. Isto foi possível em razão da experiência vivida, pois...

“O processo de mudança onde o aprender promove o desenvolvimento, dá-se através de uma aproximação ou interação mediada ativa, isto é, aquela que concebe o ser humano como capaz de se transformar e que restitui à pessoa com história de deficiência (...) a possibilidade de se relacionar com o mundo de uma forma diferente daquela marcada pela condição de deficiente (Da Ros, 1997, p. 44)”.

em que participavam do pro...
um movimento grevista nacio...
instituição pública). Outr...
reconhecimento foram expli...
de atividades: os discursos...
instituição - reveladores da sa...
trabalho - bem como em relaç...
– consideradas inadequadas, e...
à remuneração – indicavam de s...
se enquanto integrantes de um...
um grupo espontâneo que e...
integrantes, no decorrer do p...
serviço constatou-se a constitu...
partir das atividades e situações...
entre os sujeitos foram assumin...
que possibilitou o estreitament...
processo, no entanto, não f...
homogêneo, pois para além...
característico das leituras funcio...
por Rodríguez e Hera (1998),...
destacado por Lane (1985), e...
constituem como espaços interp...
movimento, onde embates são p...
e/ou rompidas, contradições ex...
O processo vivido por aquele...
duas semanas em que estiver...
portanto, pelo movimento tens...
reconhecerem-se e desenvolvo...

A propósito da construção...
compreender que esta condiç...
totalidade, onde cada parte do...
sustentação e manifestação. A...
expressa no tornar próprio alg...
social com o que de si é pró...
complexo de encontros e des...
caracteriza o movimento dos s...
vir-a-ser.

Considerando a apropriação...

Por fim, importante destacar aqui alguns aspectos que as investigações realizadas nos permitem apontar como viabilizadores de um profícuo diálogo com a literatura consultada a respeito de grupos e sua formação. Se, por um lado, as teorias de grupo analisadas por Carlos (1998) o consideram enquanto tal na medida em que prevalecem relações cooperativas e marcadas por forte conteúdo afetivo – entendendo afeto como sentimento positivo –, os grupos analisados e as relações ali entabuladas permitem afirmá-lo como contexto plural, marcado pelo encontro/desencontro/ confronto de diferentes sujeitos, enfim, como espaço em que sentimentos diversos podem ali emergir e se expressar.

Nas análises realizadas, resultado do confronto com realidades diversas, deparamo-nos portanto com situações que nos impedem de pautar novas leituras sobre processos grupais a partir da noção de um ideal de grupo, o que diferencia as reflexões aqui apresentadas tanto das que seguem a tradição lewiniana – onde o grupo é visto como estrutura coesa que congrega relações sociais coerentes e regulares – quanto das apontadas por Lane (1985) – onde o grupo é condição de libertação dos sujeitos a partir da produção coletiva (vide Carlos, 1998). Libertação e dominação, coerência e incoerência, regularidade e irregularidade: o grupo social, de acordo com o que nos foi possível aprender e apreender até então, é na verdade um espaço de encontro/ confronto de singularidades que ali se expressam/ constituem/ transformam, configurando ao mesmo tempo como um coletivo e locus de diferenças.

Referências

- Bakhtin, M. (1990). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Carlos, S. A. (1998). O processo grupal. Em M. G. C. Jacques, M. Strey, N. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea* (pp.199–206). Petrópolis: Vozes.
- Da Ros, S. Z. (1997). *Cultura e mediação em Reuven Feuerstein: Relato de uma experiência pedagógica com adultos com história de deficiência*. Tese de Doutorado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Feuerstein, R. (1985). *Don't accept me as I am: Helping*. New York: Plenum Press.
- Figueiredo, L. C. (1991). *Psicologia: Uma introdução*. São Paulo: Ática.
- Góes, M. C. de R. (1993). Os modos de participação e de significação do sujeito. *Temas em Psicologia*, 1(1), 1-10.
- Harvey, D. (1993). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Hobsbawm, E. (1995). *Era dos extremos: O breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo: A lógica cultural da modernidade*. São Paulo: Ática.
- Lane, S. T. M. (1985). O processo grupal. Em S. Lane (Org.), *Psicologia social: O homem em movimento* (pp.78-98). São Paulo: Ática.
- Morin, E. (1996). A noção de sujeito. Em D. F. Schlegel (Org.), *Paradigmas, cultura e subjetividade* (pp.45-55). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Nuernberg, A. H. (1999). *Investigando a significação dos grupos e alunos no contexto de sala de aula*. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, SC.
- Rodríguez, F. G. & Hera, C. M. A. de la (1998). El sujeto en la psicología social. Em J. M. L. Rubio, S. B. Jiménez & J. Gabaldón, S. M. Anzano & F. J. C. Sánchez (Orgs.), *Orientaciones teóricas y ejercicios prácticos* (pp. 279-300). Madrid: Síntesis.
- Sais, A. P. (2000). A produção da subjetividade na terceira idade sobre as velhices. *Alcance*, 2 (julho), 43-48.
- Santi, P. L. R. (1998). *A construção do Eu na modernidade: O século XIX – Um texto didático*. Ribeirão Preto: Holos.
- Vygotski, L. S. (1987). *História del desarrollo de las funciones psicológicas superiores*. Habana, Cuba: Científico-Técnica.
- Vygotski, L. S. (1998). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins.
- Vygotski, L. S. (1991a). *Obras escogidas I: Problemas teóricos de la psicología*. Madrid: Visor.
- Vygotski, L. S. (1991b). *Obras escogidas II: Problemas de la psicología*. Madrid: Visor.
- Vygotski, L. S. (1991c). *Obras escogidas III: Problemas de la psicología*. Madrid: Visor.
- Zanella, A. V. (1997) *O ensinar e o aprender a fazer renda: A atividade na perspectiva histórico-cultural*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Faculdade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.
- Zanella, A. V. (2001). *L. S. Vygotski: O contexto, contribuições e legado de ZDP*. Itajaí, SC: Univali.
- Zanella, A. V. (2000). Aproximaciones a la temática del sujeto en Vygotski y E. Moin. *Psikbe*, 9(2), 75-85.
- Zanella, A. V., Balbinot, G. & Pereira, R. S. (1999). *Enseñar e aprender a fazer renda que eu te ensino a... inovar: Um relato de experiência*. Em C. Gewehr, L. F. Bonin & Y. L. M. Bulgago (Orgs.), *Participação social* (pp. 183-194). Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Zanella, A. V., Balbinot, G. & Pereira, R. S. (2000). *Análisis del proceso de constituir-se rendeira*. Tese de Doutorado, Pós-Graduação em Psicologia da Educação, Faculdade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.